

# Presenças - ações performáticas

Presences - performance actions

LUCIMAR BELLO FRANGE

Universidade Federal de Uberlândia, UFU

## RESUMO

O presente texto aborda as ações de fazer bolhas de sabão, consideradas como ações performáticas, e realizadas durante a quarentena de 2020. São atos de re-existências mantendo a vida em prosseguimento. As conexões são com poetas, filósofos e artistas trabalhados como exercício dessa práxis inventiva na arte contemporânea.

## PALAVRAS-CHAVE

Ações performáticas. Arte contemporânea. Bolhas de sabão.

## ABSTRACT

This text addresses the actions of making soap bubbles, considered as performances actions, and carried out during the quarantine of 2020. They are acts of re-existences keeping going. The connections arte with poets, philosophers and artists worked as an exercise of this inventive práxis in contemporary art.

## KEYWORDS

Performances actions. Contemporary art. Soap bubbles.

*É através do espírito que o vento sopra.*  
Devagar, não importa, todos os momentos vivem.  
Kasuo Ohno.

## Introdução

Susto, raiva, medo, suspensão, a vida em casa. De repente. Em casa sem sair. Março de 2020. Choro de coração entalado. O cotidiano, das relações sociais, cursos, exposições inclusive internacionais e os trabalhos fora de casa. é adiado por um vírus invisível. Letal. Os idosos, o grupo de maior risco, num primeiro momento. Atualmente todos somos de risco e todos somos hospedeiros da peste do século. O afastamento dos filhos, dos netos, de qualquer criança instaura uma distância distópica e um des-lugar de estima, de aconchego e de ancestrais que nos constituem. As crianças nos ensinam, na maturidade, a manter as infâncias. Desde o primeiro momento estou preocupada demais com os que não podem ficar confinados. E continuo com raiva dos que não prezam a vida coletiva, mas cuido para que a raiva não vire ódio. Muitos políticos têm criado, gerido e sustentado ódio, às pessoas e ao planeta. As mortes no mundo solapado batem forte na miserabilidade na qual vivemos. Miseráveis que somos para com a biosfera. Somos a perecível biosfera. Essa miséria bate forte no rosto, nos olhos, no nariz, na boca, nas mãos, nas entranhas. Não toque, lave, lave, lave. O mundo da assepsia ataca. O vírus, fabricado pelos humanóides, mata. Para sustentar o quase insuportável, faço bolhas de sabão das minhas janelas. O brinquedo de criança me anima. A leveza das bolhas me ensina e atiça Uma Vida Nova. A Vida Outra exige fragmentos de viver juntos à distância (para nós que podemos). Faz brotar mínimos encantamentos e fiapos de encontros. Um longe-perto são palavras grudadas, que formam uma palavra inexistente, e que se transforma em gratidão por estar viva. Tento sustentar a espessura do presente e criar engenhocas para uma presença; aprender com o imponderável; des-acelerar o intervalo da vida; habitar o mundo como uma casa tal qual um fole para dentro e para fora; ficar à deriva para acolher micro acontecimentos. Tento aventurar a vida e morar no assombro da aparição. Os silêncios me praticam; os resíduos me são; as palavras me escorrem; sobre meu corpo se deitam bolhas; as intermitências me escavam; os poemas me corpam. *As experiências flutuantes e borradas são vapor e distração* (MICHAUD, p. 93-96); espaço gasoso de sustento; a alegria, a surpresa e o espanto de desfazimentos. O planeta Gaia pegando fogo e as mortes apagando as vidas.

## Proposições

A passagem da fenda-fora ao dentro pressupõe  
a mediação do poema corpóreo.

Juliano Garcia Pessanha

Venho trabalhando, há vários anos, com a presença em ato, em situação e em acontecimentos. Realizo trabalhos, que agrupados, criam uma ambiência na qual o participante é cúmplice de momentos de um *estado de arte* (Lygia Clark), que se faz acontecer. Os trabalhos são criados durante longos tempos, mas só se efetivam como a presença de pessoas-cúmplices do ato criador (ver *Cidades de Vestir, A Casa Vestida e Desenhos de Comer*, no site lucimarbello.com.br). Como imaginar uma topologia da distância e, ao mesmo tempo, da proximidade? São questões que habitam minha trajetória poética e compartilhada. *O tempo da recepção é o mundo da absorção dos sentidos... se abre num tempo da distração* (MICHAUD, op. cit., p. 97). Distância, proximidade, estar juntas com as pessoas distraídas e antenadas são constâncias de uma trajetória.

No presente texto, enfoco as bolhas de sabão, sua materialidade, algumas conexões com a filosofia, com a literatura, com obras de artistas visuais e com ações educativas. As estesias e os ecos estão também nas mídias virtuais, incluindo as *lives* e as postagens, como instantes que se compõem e, como aragens, para mundos a brotar.

**Presenças – Ações Performáticas** –, são exercícios de habitar a fenda do mundo; de criar poemas corpóreos com esculturas frágeis, voláteis e escapatórias; sustentar a efemeridade e as matérias de curtíssima duração; trabalhar com uma poética da fratura. O ato de soprar tem nele uma amizade de com-sentimento da existência; da processualidade da criação; da artisticidade na relação entre arte, educação e culturas; uma amizade de compar-trilha entre janelas e molduras de uma casa-bolha em tempos ardidos de uma quarentena que não se esgota, mas nos exaure pelos descabros humanos. *Os atos estéticos como configurações da experiência, ensejam novos modos do sentir e induzem a novas formas da subjetividade política* (RANCIÈRE, p. 11). As bolhas acionam as estesias (percepções e sensações), as estéticas do insustentável e a ética de imaginar não-ser, sendo. Não apenas sopro, sou as bolhas, esse mínimo da biosfera, respirando, aspirando e transpirando na terra Gaia, tão destroçada nos tempos atuais.

Brinco nas janelas de casa e sopro bolhas de sabão na rua e na cidade. Elas são tão potentes, que atravessam a rua e sobem rente a empena de um edifício de 10 andares. Depois somem, as perco de vista e elas agitam *uma atenção flutuante* (MICHAUD, id. 30). As bolhas, nas suas andanças, fazem caminhos imprevisíveis. Duram o quanto querem. Fazem caminhos sem rastro por onde o vento as levam; sustentam a leveza de ser; esculpem o tempo; esgarçam o espaço. Sou apenas uma sopradora entre sabão e as enghocas – os dispositivos –, que construo com meus parques saberes. A bolha de sabão é uma película fina de água e sabão em forma de esfera e de superfície iridescente. Tem uma luminosidade que acolhe o sol e a luz; contém um arco íris que se instaura e já se desfaz; acolhe um arco íris líquido e fugidio. A solidez de uma construção de películas é da ordem das escapatórias. E as superfícies – o vento, o ar, a luz, o

sol, a sombra –, são formas de partilha do sensível. O olhar acompanha bolhas sopradas, mas se surpreende, ora porque estouram rápido; ora porque se formam como querem – desenhos imagizantes –; ora porque somem de vista. O olhar, assim como as bolhas, não tem repouso. São formas redondas para gastar menos energia e duram segundos. A bolha consta de um filme fino de líquido, com propriedades elásticas e comprimidas, inundado de gás (ar) por todos os lados. As moléculas de detergente se interpõem às retículas de água. Há, entre elas, uma tensão. Mas uma tensão-escapante. Uma tensão delicada e pronta para se desmanchar. E estourar a sua presença. O estado estético é a suspensão e o estado estésico é o maravilhamento de um quase-nada do ser-bolha e se desfazer-bolha. As temporalidades são co-presenças de uma arte lacunar. *A partir de Duchamp, os limites entre fazer e julgar arte, entre autor – espectador – e juiz –, foram reduzidas, ao quase-nada 'isto é arte'* (CESAR, p. 67). **Presenças, Ações Performáticas** é arte?

## Dispositivos

Ao fazer vadiagem com letras posso ver  
quanto é branco o silêncio do orvalho.

Manoel de Barros

Denomino, de dispositivos operatórios, as engenhocas feitas de materiais sobranes de minha casa e dos materiais guardados. Esses dispositivos complexos (apenas aparentemente simples) – os des-objetos artísticos –, permitem a fabricação de matérias rasgantes que acontecem somente em lugares vagos e *geram efeitos de experiências de divertimento, perplexidade, desocupação, fascinação, recusa, horror, aborrecimento e até mesmo, indiferença* (MICHAUD, id., ibid, p. 31). As bolhas não podem ter anteparo, necessitam dos lugares vazios. Isto é um encantamento. Nós, humanos, precisamos de anteparos e anteparos, a cada dia mais. Talvez elas me seduzam tanto exatamente pela inconstância selvagem e pelas invisibilidades.

*O dispositivo é qualquer coisa que tenha a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos viventes* (AGAMBEN, p. 12). As bolhas de sabão são discursos meta-narrativos e narrativas visuais dos anos 2020.

O tubo vazio do papel alumínio, em vez de ir para o lixo, virou maquininha de fazer bolhas de sabão. Na janela e nos copos. Abro os armários, as caixas, as gavetas. Visito as coisas. Escuto as vozes dessas mínimas coisas acumuladas na sala, nos quartos, nos banheiros, na cozinha e na área de serviço. Componho combinatórias para sustentar a leveza de um dia ensolarado, mas carregado de corpos morrentes. Sopro as bolhas de saúde. Ah, se eu pudesse inventar pílulas de sabão. Ah, se eu pudesse curar a cada um, cada uma. Vou soprando sabões chorados. Todos os dias.

O detergente ficou vazio. Ao invés de jogar fora, o acolho. Corto o fundo e faço um outro fundo com *perfex* (um tecido falso e furadinho usado nas limpezas e logo descartado). Para unir o frasco e o tecido, as gominhas de dinheiro saíram da gaveta. Rápido e fácil, a maquininha aguarda ser molhada. Aguarda as janelas e os sopros. Também os faço na pia da cozinha, no tanque de lavar roupas e nas muretas da janelas e do vitró. Os espaços acolhem as sopradas. Todos os lugares sopram. E todos os lugares vazam. Capturo o espaço vazio para preenchê-lo de quase nada. Lembro das performances de Allan Kaprow e as neves tingidas. Lembro das Coletas de Brígida Baltar, de neblinas e de maresias. Em todos os trabalhos, as matérias escapam; o tempo escorre; o espaço se esvai. *O artista (o escritor) é uma espécie de sismógrafo, suspeitava Thomas Mann. Artistas antecipam terremotos... percebem e dão a ver (senão eles, pelo menos suas obras), de modo muito singular, que as antigas engrenagens do mundo rangem, desgastadas e corroídas* (CESAR, p. 13).

O leite acabou. Lavei bem o frasco. Cortei o fundo. O retalho de renda preta saiu da gaveta. A linha de bordar, laranja, saiu de uma caixa de papelão. As duas gominhas de dinheiro, tirei da caixa comprada em fevereiro. Emendei as rendas. Bordei tudo. Esse dispositivo pediu gestos delicados. E contrastes de materiais. Vou ampliando minha coleção, sempre das sobras de uma casa, na qual a vida continua prosseguindo, embora com muita dificuldade. Estar em casa, sem corpos de abraços é quase um desespero.

Os 2 frascos de mel, furados com prego grosso e, colados um ao outro, já podem sustentar as películas de água e sabão. Os sopros, entre os 2 bocais, geram bolhas descontínuas, pertinho umas das outras. Quase uma estrada sem rumo, sem caminho, sem chegada. Mas estrada com beiradas. O pulmão fica esperto entre um respiro e uma soprada dupla. O vento carregou para o estacionamento e perdi de vista. Não sei quem as viu ou sequer se foram vistas. Isto não importa. O trabalho não comporta “conferir”. É da categoria da existência. Simples assim.

O restante de arame de cobre, fininho, saiu da mini caixa de ferramentas. Da caixa dos instrumentos para fazer bijuterias (nos anos 90). Os alicates de cortar, enrolar, apertar, também moravam lá. Os tempos de antes e os de agora e, as mãos envelhecidas, torceram os arames em forma de borboleta. As espumas agregadas voaram ares em um agrupado de esferas (da espessura de um braço de um adulto). Espumas longas. Se espalharam entre 2 ruas. O olhar arguto se esfumaça. Perco as bolhas.

As varetas de churrasco e o barbante e a ruela. Todos juntos. As 2 varetas de bambu eram unidas por um pedaço de barbante, o último daquela gaveta de trecos. O barbante, em forma de “v” e de cabeça para baixo, tem no vértice uma ruela para gerar peso. O intervalo triangular recebe e acolhe a película do “líquido quase mágico”. Essa bolha não é soprada. O gesto de deslocamento são os braços que molham o dispositivo e o expandem com um arco aberto, rápido e preciso, sem demora, num já. Lembro o *instante já* de Clarice Lispector. As bolhas, de fugacidade, mediam em torno de 30 centímetros, entre formas de amebas esvoaçantes, longínquas e flutuantes. O olhar fica maravilhado e, novamente, vazam as lágrimas num choro farto de gratidão ao espaço acolhedor das esculturas de sabão.

A caixa de suco, bebido nos lanches, tem o fundo cortado em “x”, corte preciso e leve para que as partes não se desgrudem, principalmente quando molhadas. O intervalo cortado é

campo para que a película se sustente e escape ao menor sopro. Enchi o tanque de lavar roupas, um dos lugares de maior limpeza na quarentena feroz. Enchi a pia da cozinha. Outro lugar de habitação constante. A caixa de suco exige atenção para ser molhada de susto e a secagem tem que ser rápida. Se molhar muito já derreteu. E não aceitará uma segunda vez. *Brincar e brincar, não como se, mas sempre de novo e de novo* (Walter Benjamin).

O frasco de iogurte é coberto por um guardanapo de enfeite, de crochê, branco. Antigo e esgarçado de tanto uso. Bordo com linhas grossas verdes, o campo para o depósito da película. Prego, nas beiradas, fuxicos feitos com chitão estampado (feitos e guardados há muitos anos). Assim, agrego saberes de uma artista-artesão de idade madura.

Os 3 flaconetes de remédio para o fígado, recebem furos pequeninhos de prego esquentado no gás do fogão. A tríade, inseparável. Estão amarrados com um novelo de linha de bordar, linha grossa. Ficam aparentes somente pequenas partes para que não percam suas formas úteis. O sopro é similar a uma flauta, mas sem som. As bolhas são mudas de som, mas vorazes nas formas. O silêncio é da categoria do orvalho de manso, mas da presença vivida e sentida. Molhada.

Continuo guardando vasilhames e encontrando sobras: elásticos, fitas, contas, fagulhas de tempos urdidos por uma existência de longa data. Os verbos: *capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar, assegurar* e os que mais chegarem, vão compondo possíveis combinações e lembrando a lista de verbos de Richard Serra. E sobre as ações pressupostas nos verbos, diz ele: *são como atividades designáveis em relação ao material, ao lugar, à massa, à gravidade, ao terreno* (SERRA, apud Caderno Educativo, p. 43).

As bolhas de sabão, isoladas e em cascatas, celebram as crianças em mim, que coloco no plural (mesmo não havendo no português). Não se trata da primeira pessoa – um “euzinho” –, que se pluraliza, mas de mim(s), um quase eufemismo que também não se sustenta, mas acende tentações infinitas. As partículas de sabão estouram onde haja necessidade de ensaboar, ontem, hoje e em muitos amanhã, no apartamento (onde moro, em São Paulo). A casa tem algumas molduras: as janelas e as portas guardam um dentro e um fora. Na soleira da porta há uma morte pressuposta. A cada saída e a cada chegada, uma limpeza sem fim. À espreita pode estar o vírus letal. Convivo com as molduras e as imagens 3 x 4 em que nos transformamos: no celular, no computador, na televisão. Nas imagens movediças e nas casas muitas, nas quais entramos ao mesmo tempo sem sair das nossas. Sempre olho, curiosa, o ambiente das pessoas e os acontecimentos que se instauram entre as nossas presenças virtuais.

## Uma digressão

Quando a arte é um vapor,  
ser artista é um ofício que contém mil magias.

Yves Michaud

Isto é uma divagação assumida. Uma derivação e um desvio. Uma receita, que aprendi com um palhaço, para fazer bolhas de sabão, isoladas ou em cascatas: 3 porções de água; 1 de detergente; 1 colher de açúcar; 1/2 colher de fermento. Amornar a água, colocar o açúcar e o fermento. Misturar bem. E no final, o detergente. Descansar 1 a 2 dias. Agitar antes do uso para que se ativem os componentes da solução. O que faria uma receita dessas num texto acadêmico? As ações desviantes fazem parte, são constituintes das minhas proposições. Esculpir com sabão, em bolhas sopradas, é uma continuidade de um percurso no qual o trabalho só se completa com o participador ou o vedor, mesmo que oculto. Não vejo e nem sei quem percebe esses mínimos no ar. Apenas uma vez, 3 crianças vizinhas de frente de uma das minhas janelas, acenaram para mim. Mas sumiram, nunca mais as vi. As ancoragens na espera e na deriva vêm de muito longe, desde que conheci os trabalhos do Grupo Fluxus, do Neoconcretismo Brasileiro, o Caminhando de Lygia Clark, nos anos 70 do século passado. Uma atitude investigativa e curiosa tem sido as proposições para uma vida-toda, tem as artes visuais e a literatura, imbricadas na educação e nas culturas. Soprar as bolhas são extensões de um corpo, apenas aparentemente, confinado. O rosto, os braços, os dedos, as vísceras agitam um processo, como fiz Richard Serra: no desenho, estou mais interessado, primordialmente, no 'como'. Sempre me interessei mais por processos do que o resultado. Para mim, 'o como' é onde o sentido está (SERRA, op, cit, p. 44). Concordo com ele, no meu percurso desenhante desde finais dos anos 60, do século passado, os "comos" se instauram em ato, em situação e em acontecimentos de narrativas visuais.

## Considerações

A contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo,  
que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância;  
mais precisamente, essa é a relação com o tempo  
que a este adere através de uma dissociação e de um anacronismo.

Giorgio Agamben

Peter Sloderjik é um filósofo contemporâneo que estuda as bolhas, as esferas e as espumas. A teoria proposta por ele começa no indivíduo e na vida, na busca de perpetuar a bolha da qual nos originamos, o útero, o lugar das primeiras memórias de estabilidade, conforto e

segurança. Baseados nessa busca estão os campos da religião, política, leis, família, trabalho e consumo. Um dos fenômenos usados por ele são a busca por reproduzir e perpetuar a nossa bolha original, tanto como sociedade, quanto como empresas (o que acontece desde os séculos 19 e 20). As bolhas contêm camadas e, concomitantemente, imprevisibilidade, insegurança e desconforto. Passamos a viver um mundo onde infinitas bolhas, de diferentes tamanhos e características, nascem, explodem, se espelham, se fundem e se separam todo o tempo. Formam uma realidade que ele chama de espuma. No mundo dos negócios, essa realidade trouxe a economia compartilhada; os modelos colaborativos; as plataformas abertas; as pequenas empresas, as *startups* e a falência dos modelos anteriores. Vivemos a fragmentação de uma realidade em espumas onde a complexidade impera e nos trans-figura e trans-forma. Estamos vivendo um mundo que exige “urgências” e brotamentos nos quais nunca pensamos, muito menos imaginamos. As espumas pedem, não um “modelo”, mas inesperados instantes inventivos para um mundo-por-vir. O mundo contemporâneo exige heterogeneidade, transdisciplinaridade, diversidade das estruturas (se é que podemos assim chamá-las). No lugar de força e agressividade, os anos 2020, nos pedem um mundo de invenções e do risco. Se as “estruturas” anteriores não se sustentam, como sustentamos em nós, as situações de bolhas, esferas, espumas? São essas as inquietudes ancoradas em mim(s) como artista, arte educadora e escritora, no embate entre as imagens e as palavras. Todas friccionadas.

John Dewey, filósofo e educador americano, trabalha a experiência como um *continuum* e a *experiência estética como ato criador* (DEWEY, p. 125). A minha trajetória caminha em trabalhos que se constroem em dias e dias, sem pressa. Tento segurar um tempo que escapa. Evapora. E continuo soprando as bolhas de sabão. E continuo criando maquininhas-sopradoras com as sobras e os guardados. Guardados agora para ensaboar, acolhendo e expandindo o ar que vaza do corpo, dos pulmões, dos pensamentos que ardem. Tempos ardidos. Doídos. O sopro é, ao mesmo tempo, um ato de sair de casa nesses 6 meses de uma casa-bolha, uma casa que sustenta uma vida acesa. Ofereço os respiros soprados para cada vida que se apaga; para cada vida que se sustenta; para cada vida que nasce. Peço aos sopros que acabem com o genocídio e com o fogo desses Brasis afora. Tanto horror. Tantas tragédias. Os sopros berram, urram, oram pela vida de cada pessoa nascida e pela vida de Gaia, a terra-mãe.

As esferas, são pensadas por Sloterdijk, como metáforas morfológicas da existência humana. Há uma cronologia histórica-evolutiva que se inicia nas bolhas, passa aos globos e chega, por fim, às espumas. As Bolhas remetem às estruturas de proteção criadas durante o processo de hominização. Os agrupamentos originais surgem como rígidas comunidades de culto, esforço, intimidade e inspiração. Voltam-se para dentro para inventar deuses e costumes, dando as costas ao exterior, reconhecido como ameaça. A arquitetura tribal é – como a roda em torno da fogueira – centrípeta. A subjetividade e a consciência são coletivas. A ideia de indivíduo inexistente de forma radical: no limite, não se sabe ao certo se o rosto que se vê à luz da fogueira é o próprio ou o do outro. Esse autor considera as espumas como o momento esférico pós-moderno. Elas são caracterizadas por isolamentos conectados, sobreposição, pluralidade, fusão e movimento; as espumas surgem, na contemporaneidade, sob forma de microclimas (ar-condicionado, estufas, equipamentos de mergulho), arquitetura (apartamentos e sistemas de co-working), domínio dos

ares (drones, satélites, estações espaciais), mídia (redes sociais, celulares, entretenimento digital personalizado) e, por fim, (des)construções sociais (efemeridades, nomadismos, hibridações) e semiológicas (o culto ao self, a pós-verdade e o fim das vanguardas artísticas). No livro *Espumas*, o atopismo é multifocal, multi-perspectivista. Em *Esferas*, *'o mistério da vida não pode separar-se do mistério da forma'*, podemos ater-nos ao formato dual das esferas para propor chaves de leitura interessantes para os estudos das comunicações (CESPEDES, p. 311-316).

## Conclusão

Pela leveza de um sopro e a força do sabão que estoura quando e onde quiser. Eles têm um tempo e um “certo querer”. O vento afiado tem sido um cúmplice desenhante. Sopro e vento. Vento e sopro. *O vento sopra. Devagar, não importa, todos os momentos vivem.* O sol e a luz são cúmplices escultóricos, pois eles acendem as cores das bolhas caleidoscópios. Ontem elas dançaram pedindo Amor à Vida! E tinham, em duas sopradas uma atrás da outra, a forma de coração. Olhei até se estourarem e, comovida, chorei agradecendo a força das películas de água e sabão – Isto é um presente. Lembrei de *Isto não é um cachimbo*, de René Magritte. Pedi para que tenhamos governanças diversificadas e não ditadores fascistas. Uma Vida é Uma Vida! Ofereço as mínimas formas para cada pessoa. Mundos afora. Ofereço as bolhas ensaboadas para cada um desse número de mais de 135.000 mortos no Brasil, vítimas dessa faxina horrenda das etnias e dos menos possuídos das necessidades básicas. Etnias dizimadas. A leveza das bolhas se expande em tempos de necessidades outras! Pela ética para com a vida dos seres humanos, dos animais, das águas, das florestas, dos ecossistemas e das biosferas.

Na janela da manhã de sol, expandi os gestos janela afora. O vento ventava as bolhas em cumplicidades em IDADES fartas! Continuo, por estar aqui, soprando as angústias e as belezas miúdas, bem miudinhas. Gratidão pelas existências compartilhadas!

Segundo Agamben, *uma autêntica revolução não visa apenas mudar o mundo, mas, antes, a mudar a experiência do tempo* (AGAMBEN, op. cit., p. 9). Soprando as bolhas não é apenas brincar e sustentar levezas. É pensar uma práxis política e ontológica. Criativa. É enfrentar o enigma de um antes, à espreita. Tensiva. E de um depois, ao estourar. Surpreendida.

**Presenças, Ações Performáticas**, com bolhas de sabão, inclui o espaço poético do brotamento; a ética do encontro; o atravessamento do instante; as inconsistências de uma trajetória poética; a re-existência de uma práxis inventiva; a estética da fragilidade e das vicissitudes da vida-em-bolhas. Anos 2020.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Chapecó, SC, Ed. Argos, 2009.
- BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro, São Paulo, Record, 2007.
- CESAR, Marisa Flório. **Nós, o outro, o distante na arte contemporânea brasileira**. Rio de Janeiro, Ed. Circuito, 2014.
- CESPEDES, Fernando Garbini. “A comunicação esférica de Peter Solterdijk”. In: **Revista Matrizes**. São Paulo, USP, v., 12. n. 2, maio-agosto, 2018.
- CORTAT, Ana. **A hora de mergulhar e explorar a espuma**. (Acessado em <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniaio/2016/12/06/a-hora-de-mergulhar-e-explorar-a-espuma.html>).
- DEWEY, John. **A arte como experiência**. São Paulo, Martins Fontes, 2010.
- MICHAUD, Yves. **El arte en estado gaseoso**. Ensayo sobre el triunfo de la estética. México, FCE, 2007.
- OHNO, Kasuo. **Treino e(em) poema**. São Paulo, n-1, 2005.
- PESSANHA, Juliano Garcia. **Testemunho transiente**. São Paulo, Cosac Naify, 2015.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível, estética e política**. São Paulo, EXO experimental (org.). Ed. 34, 2005.
- SERRA, Richard. “Richard Serra e o desenho”. In: **Caderno Educativo**. São Paulo, Instituto Moreira Salles. [www.ims.com.br](http://www.ims.com.br). (Acessado em 18 de setembro de 2020).

## Sobre a autora

**Lucimar Bello Frange** é tem graduação em Belas Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (1970), mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (1988) e doutorado em Artes pela Universidade de São Paulo (1993). Pós doutora em Comunicação e Semiótica, PUC/SP (2002). Pós Doutora no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP (2008). Atualmente é Pesquisadora Voluntária no Núcleo de Estudos da Subjetividade, PUC/SP e no Grupo MAMETO/UFBA (Coordenação de Maria Virgínia Gordilho). Exposições no Brasil, Argentina, Chile, México, Cuba, Espanha, Portugal, Japão. Membro do Conselho da FAEB - Federação de Arte Educadores do Brasil e da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Tem experiências em processos de criação em Artes Visuais, em Arte-Educação, em Literatura. Pesquisas em Artes Visuais: processos de criação em arte contemporânea, arte e seu ensino, arte e comunidades.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6973661142807712>

Recebido em: 21-09-2020 / Aprovado em 09-10-2020

## Como Citar

FRANGE, L. B. P. (2020). Presença – ações performáticas. Revista Estado da Arte, Uberlândia. v.1, n.2, p.281-291, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.14393/EdA-v1-n2-2020-57413>



A revista Estado da Arte está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.